Avaliação Psicossocial de Agricultores em Processo de Mudança Tecnológica: Um Estudo Comparativo no Vale do S. Francisco

Antonia V. Martins*
Edson A. de Souza Filho**

RESUMO

Com o objetivo de estudar as repercussões psicossociais da implantação de projetos de irrigação (PI) no Vale do São Francisco através da CODEVASF, foram comparados três projetos segundo o tempo de existência e níveis de realização econômica. Após estudo exploratório, os projetos foram avaliados por seus membros em várias esferas indo de atividades de trabalho à vida familiar. Também foram levantados critérios ara considerar um PI bem sucedido, mal sucedido e a participação social. Os resultados apontaram mais mudanças para ambos os PI implantados há muito tempo, ainda que o mais bem-sucedido economicamente tenha apresentado posturas tradicionais em termos de objetivos de produção (subsistência), posse da terra (bem em si), relação com empresa (ambivalente) e uso de tecnologia (antiga). Ao avaliarem os PI, os agricultores enfatizaram espectos operacionais e de qualidade de vida em contraste com o de produtividade adotado pela CODEVASF. Enfim, observou-se menos interesse por participação social além do próprio projeto.

Antonia V. Martins
Psicóloga Social, Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco.
Edson A. de Souza Filho
Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Introdução

O problema agrícola apresenta-se como um dos desafios para todos os povos que pretendem desenvolver-se socialmente. Conscientes de que tal empreendimento é multideterminado, vários profissionais têm colaborado no sentido de aperfeiçoar os processos de transformação social e tecnológica de pessoas e grupos diretamente envolvidos com a produção agrícola. Este trabalho pretende apresentar uma proposta de avaliação de aspectos psicossociais importantes para o processo de inovação social e tecnológico de empreendimentos agrícolas com participação do poder público, como é o caso de boa parte das iniciativas do setor existente na América Latina.

Infelizmente, existem poucos estudos psicossociais sobre populações de agricultores, notando-se predominância entre os técnicos de visão sócio-econômica para explicar fenômenos e processos em foco. No caso de países marcados por estruturas agrária largamente estagnadas, tanto cultural quanto psicossocialmente, há a tendência de supervalorizar seus reflexos sobre essas populações. Tal postura, que costuma estar presente mesmo entre os psicólogos sociais,

(*) Filiação Institucional: Psicóloga social., Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco.
(**) Filiação Institucional:Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

deixa de lado os potenciais humanos de transformação da realidade, manifestado em inúmeros contextos históricos desfavoráveis. Uma exceção a essa tendência pode ser ilustrada pelos trabalhos pedagógicos e filosóficos de Paulo Freire, que elaborou uma psicopedagogia que facilita a emancipação de camponeses e outros grupos oprimidos a partir de processo de alfabetização no qual se inseriria como condição básica a sua participação em contextos sociais cada vez mais amplos. De modo que, mesmo havendo possibilidade de mudança de estruturas ocorridas por iniciativa de grupos mais poderosos, seria necessário um trabalho de elaboração psicossocial por parte dos próprios agricultores. Para tanto, seria preciso aumentar o autoconhecimento dos mesmos através do estudo do seu universo de atitudes, pensamentos e significados a respeito de suas práticas de trabalho e de vida social, familiar, etc,, procurando captar estruturas simbólicas e interacionais mais profundas existentes entre os mesmos. Sabemos que muito da abordagem a ser adotada está estreitamente relacionado à produção simbólica. Entre as teorias psicossociais a respeito do fenômeno e processo mencionados, está a teoria de representações sociais (R.S.) de *Serge Moscovici (1978)*, que oferece várias vantagens já expostas em trabalhos de especialistas da área na América Latina *(Arruda, 1983; Souza Filho, 1991)*. Aqui gostaríamos de lembrar algumas delas: 1) Enfatiza o papel do sujeito como produtor ativo de sistemas simbólicos, 2) leva em conta a complexidade de sistemas simbólicos; e 3) as interações intra e intergrupos, a mudança e o funcionamento de sociedade como variáveis explicativas para os fenômenos psicossociais.

Para tanto, o modelo teórico proposto pelo mesmo autor apresenta algumas dimensões ao nível simbólico e social que poderiam servir de balizas para investigação. No plano simbólico, são consideradas todas as possibilidades de produção de conhecimento de um sujeito a respeito de um objeto qualquer, o que em sentido amplo inclui a atitude em relação ao objeto, e leva em consideração as relações entre os significados constituindo campos de representação. Já no plano de interação social, Moscovici propôs três determinantes principais para produção de R. S. *(Herzlich, 1972)*: a pressão à inferência exercida pelos grupos no sentido de tomar posição ou elaborar um saber informal a respeito de objeto importante para o funcionamento do grupo, para atingir suas metas, por exemplo; a focalização sobre aspectos e posições em relação ao objeto, segundo seu interesse ou situação social vivida grupalmente, não necessariamente consciente, como é o pertencer objetivamente a uma classe social ou a uma geração; a informação sobre um objeto sendo desigualmente distribuída na sociedade, determinando objetivamente a subjetividade particular de um grupo a esse respeito.

Outros aspectos da teoria de Moscovici, que foi sucessivamente aprofundada por outros pesquisadores, mereceriam ser considerados. Contudo, para efeito desta exposição precisaríamos acrescentar que a representação social é um saber informal, originado no dia a dia para lidar com pessoas e grupos a fim de torná-los familiar, garantir comunicação unívoca no interior de grupos e para interagir com outros indivíduos e grupos externos.

Do ponto de vista puramente formal, a teoria de R.S. está longe de ser comparada a algumas outras que apresentam esquema mais universalista, passível de refutação e reduzível ao laço causa-efeito científico tradicional, que parece se adequar mais a microteorias como a da dissonância cognitiva. Contudo, ao tentar articular as dimensões simbólicas e grupais, a proposta moscoviciana avançou ao recobrar certas complexidades humanas abandonadas por psicólogos sociais. É possível que o caráter descritivo e exploratório de que se revestem hoje muitos estudos de R.S. possa, em futuro próximo, dar lugar a formulações mais precisas e melhor articuladas aos seus campos conexos, como a história, a sociologia, a psicologia cognitiva, a lingüística, etc. De todo jeito, consideramos que tal estudo, mesmo que inicialmente apenas generalizável a populações específicas, deve ser pré-condição para qualquer tipo de atividade psicossocial e pedagógica junto a outros contingentes da mesma população. No caso da sociedade brasileira, que apresenta tantas disparidades culturais e sócio-econômicas, a abordagem de R.S. oferece oportunidade de avaliar as repercussões, ao nível do psicossocial de transformações sociais. Nesse sentido, um modo de verificar a utilidade de tal instrumental teórico-metodológico é aplicando a uma re-

alidade brasileira, conforme foi nossa intenção ao realizar um estudo de R.S. junto a agricultores do Vale do Rio São Francisco em processo de mudança.

O Projeto Público de Irrigação é uma alternativa incentivada pelo poder público em áreas onde predomina a agricultura de sequeiro caracterizando, no Nordeste do Brasil, uma estratégia de superação dos problemas ocasionados pela escassez de água e estrutura fundiária.

A tecnologia de irrigação assumida tanto pelo poder público quanto privado tem como principal executora a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF. Tendo responsabilidade por uma área de 640 mil Km2 espalhados pelos estados de Minas Gerais, Bahia Sergipe, Alagoas e Pernambuco, essa empresa pública se vincula ao Programa Nacional de Irrigação, atualmente sob a responsabilidade do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, tendo como finalidade o desenvolvimento integrado da região através do aproveitamento dos recursos de água e solo.

A administração do Perímetro Irrigado (PI) é feita pelo sistema de cogestão, compreendendo a participação dos irrigantes através de uma organização cooperativa ou do Distrito de Irrigação e a CODEVASF, que os assessora até o momento de sua emancipação.

Os trabalhos de avaliação levados a efeito pela CODEVASF e outras instituições interessadas têm demonstrado que os resultados através de cooperativas de irrigantes do Vale do São Francisco não estão desempenhando a contento suas funções enquanto prestadoras de serviços requeridos pela agricultura irrigada. Os resultados econômicos não são animadores e o nível de participação dos irrigantes como associados não se enquadra aos padrões desejáveis de uma organização de produtores *(Souza, 1985)*.

Quando um PI é instalado numa determinada região do Nordeste ele traz consigo uma alvissareira proposta de transformação. A sua implantação supõe uma trajetória cujo desenrolar consegue, pouco a pouco, a mudança do panorama local: começa pela transformação topográfica da área até o assentamento de famílias e a posterior produção agrícola com emprego de técnicas de irrigação, as quais nem sempre são bem integradas entre os irrigantes, o que é facilmente observável a partir de frases como: "é melhor plantar com água de chuva porque o mantimento agradece"; "com o aspersor o mantimento é amarrado".

É nesse hiato que se situa a presente pesquisa, no sentido de realizar uma avaliação psicossocial dos processos vividos por produtores rurais em decorrência de sua inserção em PIs da CODEVASF.

Em estudo exploratório realizado na região, conseguimos um mapeamento de temas mais frequentes e significativos em relação à problemática esboçada que serviram para elaborar o estudo, os quais foram os seguintes: família, chuva, lavrador, morador do lugar, patrão, dívida, morador do PI, ser dono da terra, irrigação, atravessador, banco, codevasf, igreja, político, sindicato.

Tais conteúdos representacionais revelaram antagonismos, ambivalências em relação a cada assunto estudado. Assim, definimos uma linha principal de trabalho a partir da identificação de tipos de enfrentamento, construido segundo combinação de R.S. e de formas de interação adotadas com relação a sujeitos sociais relevantes no contexto (família, CODEVASF, vizinhos); a finalidade do PI (terra, objetivo de produção) e estratégia de produção e participação (uso de tecnologia, vida participativa, critério de prática agrícola). A fim de orientar nossas observações foram delineadas as seguintes tendências psicossociais gerais:

1. Tendência à **tradicionalidade**, que caracterizar-se-ia por:

1.1. Modos de enfrentamento de tipo tradicional quanto a:

a) relação de trabalho com a CODEVASF de forma passiva, sem contrapartida.

b) relação organizacional de subordinação hierárquica.

c) relação familiar de forma patriarcal.

d) objetivos de produção agrícola restritos ao atendimento de consumo e de sobrevivência.

e) pouco desenvolvimento e/ou falta de interesse pelo uso de tecnologia.

f) critérios de prática agrícola predominantemente intragrupais.

g) representação de posse da terra apenas como "terra de trabalho".

1.2. Pouco interesse e pouca valorização pela vida participativa do PI.

1.3. Identidade (auto-representação) relacionada a sentimento de insatisfação, descrédito e acomodação frente a situação de trabalho.

1.4. Definição de PI bem-sucedido e PI malsucedido que considera resultados econômicos apenas para atendimento de subsistência ou ausência desses níveis de resultados, respectivamente.

2. Tendência à **modernidade**, que caracterizar-se-ia por:

2.1. Modos de enfrentamento de tipo moderno quanto a:

a) relação de trabalho com a CODEVASF de forma ativa, com contrapartida.

b) relação organizacional de reciprocidade.

c) relação familiar de forma socializada.

d) objetivos de produção agrícola voltados para o mercado.

e) mais desenvolvimento e/ou interesse pelo uso de novas tecnologias.

f) critérios de práticas agrícolas predominante extragrupais.

g) representação de posse da terra como "terra de negócios".

2.2. Interesse e valorização de vida participativa do PI.

2.3. Identidade (auto-representação) relacionada a sentimentos de satisfação, crédito e determinação frente a situação de trabalho.

2.4. Definição de PI bem-sucedido e PI malsucedido que considera resultados econômicos suficientes para garantir a subsistência e lucro destinados a novos investimentos.

3. Tendência à ambivalência, que caracterizar-se-ia pela presença simultânea de conteúdos modernos e tradicionais com relação a cada um dos tópicos considerados.

2. Método

Sujeitos

Foram ouvidos 51 produtores rurais de um PI recente (Formoso A) e 74 de PI antigos (Mandacaru e Bebedouro).

No caso de Formoso A (F), tratava-se de PI recém-implantado (1989) onde se esperaria encontrar um perfil mais tradicional de agricultor, apesar de esforços no sentido de prepará-los para o empreendimento.

Já Mandacaru (M), localizado em Juazeiro, Bahia, era considerado pela CODEVASF um PI menos bem sucedido apresentando, segundo dados da empresa, autonomia financeira e amadurecimento político, com experiência de 19 anos de implantação.

Bebedouro (B), por sua vez, apesar de possuir quase o mesmo tempo de vida que M era considerado, segundo os mesmos critérios da CODEVASF, um PI mal sucedido, sobretudo em termos de baixa produtividade.

Instrumento e procedimento

Foi utilizado um questionário contendo perguntas fechadas e abertas.

A opção por uma técnica de observação parcialmente fechada tornou-se necessária em decorrência de resultados encontrados no estudo exploratório cuja análise de conteúdo de temas revelou-nos tendência de os sujeitos não se posicionarem em relação a todas as possibilidades de representar existentes tanto nos PI observados, quanto aquelas incluídas por nós a partir de reflexão da problemática. Nesse sentido, a adoção da técnica de hierarquização pareceu-nos adequada por oferecer oportunidade de realizar uma comparação quantitativa entre os PI observados, tal como *Dasen (1984)* havia trabalhado com populações africanas em estudo intercultural sobre inteligência. Assim, a partir de abordagem individual foram apresentadas afirmações, segundo os diferentes três tipos de tendência psicossociais acima descritos, relativas a cada uma das esferas de vida, que deveriam ser hierarquizadas em termos de importância após absoluta compreensão por parte do sujeito. Além disso, algumas perguntas aber-

tas foram incluídas para a obtenção de outras informações sobre os sujeitos *(Cf. questionário in Martins, 1991).*

Análise de dados

O tratamento de dados obtidos foi efetuado a partir de aplicação de testes estatísticos e análise de conteúdo. Assim, os primeiros e segundos lugares escolhidos pelos entrevistados foram objeto de análise com os testes Kruskal-Wallis e correlação de Pearson, enquanto as categorias simbólicas rastreadas com a análise de conteúdo de questões abertas foram organizadas em freqüências e percentagens.

Resultados

De acordo com a tabela 01 a seguir, verificamos diferenças significativas entre os resultados com relação a seis das oito esferas de vida e trabalho que observamos.

Em termos de tradicionalidade, F apresentou maior índice nos seguintes conteúdos: objetivo agrícola (2 itens) e novas tecnologias (1 item). Já em relação à **modernidade** para o mesmo grupo foram encontradas: prática agrícola (2 itens) e vida participativa (1 item); enquanto observamos posicionamento **ambivalente** para relação de trabalho, organizacional, familiar e posse da terra.

O PI M tendeu a apresentar **tradicionalidade** em termos organizacional (1 item), objetivos de produção, uso de novas tecnologias e posse da terra; **modernidade** quanto à relação de trabalho, critérios de prática agrícola e vida participativa; e, **ambivalência** para a relação familiar.

O PI B mostrou tendência para **modernidade** em relação de trabalho, relação familiar, uso de novas tecnologias, critérios de prática agrícola e vida participativa, e **ambivalência** para relação organizacional, objetivos de produção e posse da terra.

Os entrevistados de F tenderam a apresentar espontaneamente critérios de tipo "empreendimento não gera motivação" (36,5%) seguido por respostas com a idéia de "empreendimento sem perspectivas de lucro e progresso" e 28% relativas à noção de "dificuldades operacionais". Já M e B preferiram respostas "dificuldades operacionais" (57,5% e 44,5%, respectivamente); seguidas por "carência motivacional"

Tabela 01 - Tendências de enfrentamentos nos PI.

Formoso A	Mandacaru	Bebedouro
Tradicional - Objetivos de produção* - Novas tecnologias*	**Tradicional** - Relação organizacional - Objetivos de produção - Uso de tecnologias -Posse da terra	**Tradicional**
Moderno - Prática agrícola* - Vida participativa	**Moderno** - Relação de trabalho - Prática agrícola - Vida participativa	**Moderno** - Relação de trabalho - Relação familiar* - Novas tecnologias - Prática agrícola - Vida participativa*
Ambivalente - Relação de trabalho - Relação organizacional - Relação familiar - Posse da terra	**Ambivalente** - Relação familiar	**Ambivalente** - Relação organizacional - objetivos de produção - posse da terra.

* $P < 0.05$

(26,5%) para M e "restrições a lucro e progresso" (36%) para B.

Quando solicitados a falar sobre os critérios de PI malsucedido preconizados pela CODEVASF, por sua vez, os sujeitos consideraram **produtividade** como a situação que "deixa prejuízo após a colheita" (F, 45%), enquanto os demais "não deixa lucro para investimento" (M, 43,5%; B, 35%); "lucro insuficiente para o sustento" (M, 40%; B, 33,5%). Enquanto o critério **associação** foi representado como "contabilidade e administração desacreditadas" (F, 47%; B, 50%) e como significando "não participação" (M, 46,5%).

Em termos de **relacionamento com a vizinhança**, houve unanimidade quanto a considerarem como "pessoas são desunidas" (F, 53%; M, 73,5%; B, 77,5%); enquanto o sentido de encontro também foi levantado (F, 31,5%; M, 26,5%; B, 20,5%). Quanto à **qualidade de vida**, alguns designaram o critério a partir da "existência de escola, saúde e divertimento precário" (F, 17,5%; M, 50%; B, 31,5%), enquanto outros como "não existe escola, saúde e divertimento" (F, 66,5%; M, 46,5%; B, 66,5%).

É bom destacar que entre os critérios da CODEVASF apresentados para serem hierarquizados, o fator produtividade recebeu maior importância, os demais, em ordem decrescente foram associação, relacionamento com a vizinhança e qualidade de vida.

Os critérios pessoais para avaliar um PI bem-sucedido (PIBS) foram diferentes daqueles utilizados pela própria CODEVASF, como indicaremos a seguir.

Para os próprios produtores rurais o critério mais importante de PIBS é "qualidade de vida" (F, 39%; M, 45,5%; B, 26%), seguido por "condições materiais" (F, 30,5%; M, 37,5%; B, 29%), "bem gerenciado" (F, 5%; M, 10%; B, 26%) e "lucro e progresso" (F, 25,5%; M, 7%; 3, 19%).

Como dissemos, os critérios da CODEVASF de PIBS foram diferentes daqueles apresentados anteriormente. Assim, produtividade foi também considerado o critério mais importante pelos três grupos, compreendidos como "lucro" ou "sobra suficiente para investimento posterior" (F, 43%; M, 66,5%; B, 76%). Porém, devemos destacar que boa parcela dos grupos empregou as noções tradicionais de subsistência" (F, 27,5%; M, 23,5%; B, 9%) e "não deixa prejuízo após colheita" (F, 19,5%; M, 3%; B, 13%).

O critério **associação** foi tratado mais como sentido "administrativo" (F, 39%; M, 53,5%; B, 72%), seguido de "participação" (F, 51%; M, 43,5%; B, 26%).

Relacionamento com a vizinhança mostrou certo consenso intergrupal ao considerarem-no segundo "pessoas se ajudam e se interessam pelos outros" (F, 66,5%; M, 86,5%; B, 94,5%), sendo seguida por "pessoas respeitam-se e não se ajudam" (F, 25,5%; M, 13,5%; B, 5,5%).

Quanto à **qualidade de vida**, foi entendida como "existe garantia de escola, saúde e divertimento" (F, 84,5%; M, 73,5%; B, 74%), acompanhada por "existe segurança e estabilidade" (F, 8%; M, 23,5%; B, 22%).

Enfim, **produtividade** foi apontada em primeiro lugar de importância pelos três grupos (F, 63%; M, 60,5%; B, 54%), seguida por "associação" (F, 8%; M, 20%; B, 26%), "relacionamento com a vizinhança" (F, 4%; B, 5,5%) e "qualidade de vida" (F, 12%; M, 16,5%; B, 15%).

A **vida participativa** de PI foi analisada em relação aos tipos de reuniões segundo interesse, bem como aos objetivos das mesmas. Entre os tipos de reunião, o mais comum foi o de "associação" (F, 78,5%; M, 100%; B, 98%), enquanto os informais recaíram mais sobre "bate-papos nas horas livres" (F, 63%; M, 86,5%; B, 91%). Já as reuniões religiosas (F, 14%; M, 86,5%; B, 87%), foram quase em mesmo nível que as comemorações (F, 6%; M, 87,5%; B, 87%).

Em menor interesse apareceram os chamados encontros de roça (F, 36,5%; M, 36,5%; B, 24%) e as reuniões esportivas (F, 6%; M, 26,5%; B, 50%).

A classificação por ordem de importância dessas formas de participação se organizou da seguinte forma: "Associação" ou "cooperativa" (F, 61%; M, 76,5%; B, 66,5%) e "encontro religioso" (M, 20%; B, 24%); os demais apresentando incidências menores por interesses mais variados, sobretudo para F e B, por "outras reuniões" (F, 12%), "bate-papos" (F, 6%; B, 5,5%).

Quanto aos **objetivos de reuniões**, o critério mais apontado refere-se a "avaliação e controle" (F, 33,5%; M, 22%; B, 13,5%), seguido por "planos e programas" (F, 47%; M, 33,5%; B, 65%) e, por último, "melhoria grupal" (F 33,5%; M, 3,5%; B, 9%).

Enfim, pode-se afirmar que observamos menor interesse por vida participativa, a qual se concentrou em atividades de cooperativa ou Distrito, bem como de manutenção de hábitos tradicionais na forma de rituais religiosos, comemorações ou divertimentos esportivos. Houve, portanto, a aparente ausência entre os mesmos sujeitos de preocupação com organização política ou de desenvolvimento grupal novo.

3. Discussão

A entrada do produtor rural no PI inaugura uma etapa diferente em sua vida, introduzindo em sua história um novo cenário, cuja condição de protagonista principal lhe atribui, igualmente, um novo papel, que se expressa na adoção de práticas de trabalho mais modernas e em formas de convivência direcionadas para o desenvolvimento do projeto. As repercussões deste fato ultrapassam, em muito, os efeitos de um simples *script*. Na subjetividade dessas pessoas entra em movimento um conjunto de valores, de saberes constituídos e de expectativas relacionadas aos aspectos mobilizados pela agricultura irrigada: a água, a terra, a técnica, o produto do trabalho e as relações de trabalho e de vizinhança. Esse é o contexto apropriado para (re)elaboração de R.S., para viabilizar a apreensão da novidade (a irrigação), integrá-la no quotidiano e comunicar-se no grupo do qual é participante, incluindo a CODEVASF e os demais produtores do PI.

Dois temas foram reveladores de enfrentamento moderno nos três grupos: critérios de práticas agrícolas (cuja modernidade se traduz, entre outros, na busca de orientação técnica junto a especialistas) e vida participativa (adesão a formas associativas de produção). Os dois temas absorvem os principais recursos estratégicos do sistema de co-gestão do empreendimento. À primeira vista, pode-se depreender um sinal de absorção de orientações tanto por parte dos perímetros antigos quanto do novo. Não se pode assegurar que haja consistência nesse dado, uma vez que é condição para o assentamento se efetivar, ou seja, está ligado ao cumprimento de uma condição do contrato com a empresa estatal. Em termos de dinâmica de grupo, poderíamos pensar que se trata de uma pressão para a uniformidade *(Festinger, 1969)*, a qual sendo externa (ou interna) ao grupo pode gerar pelo menos submissão pública e não transformação sócio-cultural autônoma. Por outro lado, não se pode dizer o mesmo a respeito do tema relações de trabalho que mostrou um enfrentamento de tipo moderno em M e B, os quais correspondem a relações com a CODEVASF com contrapartida, menos comprometido, portanto, com as cláusulas contratuais ou com o discurso institucional circulante.

Em F e M predominou o enfrentamento tradicional nos temas produção agrícola e novas tecnologias; o primeiro relacionado aos objetivos do empreendimento e o segundo aos meios usados. O primeiro traduzindo economia voltada para o sustento e subsistência, e o segundo, em desinteresse ou desconhecimento das referidas técnicas. Assim, o processo de construção de novos saberes depara-se com referentes culturais impregnados de conteúdos religiosos, que associam "água de chuva a coisa de Deus", construção simbólica que pode agregar demandas específicas em suas práticas, expectativas e sentimentos de fidelidade à ordem maior do Divino e do Pai, conforme observamos na pesquisa em F abaixo citadas.

Determinismo divino:

"Essa aí é a que é certa. Porque é coisa de Deus. Nós não pode dizer que não quer a chuva. Se ela vem, a gente tem que aceita" (O.M.A.S., 44 anos)

"A chuva é obra divina. Foi nela que a gente foi criado" (E.P.V., 39 anos)

"A gente não pode desfazer de Deus" (J.M.P., 46 anos)

Práticas de trabalho:

"Porque é mais fácil. Choveu, molhou, duma ponta a outra. Fica mais barato. É Deus quem manda" (M.P.S., 51 anos)

Molhando pro riba, molha melhó" (O.S.B., 54 anos)

"Pruquê molha por igual. A do aspersor molha uma parte, outra não (C.R.O., 44 anos)

"O mantimento agradece. Com aspersor o mantimento é amarrado" (F.P.D., 44 anos)

"Quando vém, a planta parece que tem outra respiração e desenvolve mais. A gente é mais acostumado" (L.P.C. 41 anos)

Relação de Produção:

"Chegava pra todo mundo. A irrigação só chega para alguns (L.P.C., 41 anos)

"A gente vivia livre de certas coisas. Não tinha despesa" (B.P. 58 anos)

"É uma obra da natureza, não precisava pagar a molha" (E.S.N., 28 anos)

Subjaz a essas verbalizações realidades materiais e subjetivas que refletem uma experiência de ebulição sócio-cultural deflagrada a partir da proposta modernizadora da empresa estatal. A distância entre os dois pode explicar o impasse vivido pelas instituições que lidam com "transferência de tecnologia", as quais, via de regra, se estruturam em torno de um discurso produzido de fora da cultura do chamado "público-alvo", daí a dificuldade de assimilação desses agricultores.

Em relação a M, contudo, o suposto e esperado amadurecimento ou prontidão consciente de quem é participante de um jogo de riscos foi substituído por atitudes pessimistas e de desilusão quanto ao futuro, apesar de que no momento desta pesquisa (jan/90) esses agricultores estivessem enfrentando um endividamento bancário pesado. Além disso, em M também observamos tendência de considerar posse da terra como um bem em si e não como meio gerador de bens e lucro.

No que toca à tendência ambivalente, a relação organizacional traz embutida a noção de autonomia versus submissão na relação irrigante-CODEVASF. Neste item a postura dos três PI mostrou-se ambivalente, para o que se pode buscar explicações tanto na própria realidade sócio-cultural do agricultor, quanto na natureza da ação condutora e formadora dos órgãos públicos implicados. Essa última linha de reflexão se afina com as análises de *Bursztyn (1984)* e *Carneiro & Monte-Mor (1983)*, que encontraram no "autoritarismo ativo" do Estado, através do agenciamento "paternalista" de suas ações, a indicação de um núcleo paralisante que inviabiliza mudanças mais profundas no contexto desses perímetros. E aí começa o paradoxo: como construir uma relação de autonomia se a uma das partes não cabe escolha de outras alternativas, de construir o novo a partir do antigo. Aqui a teoria da competência comunicativa de Habermas ajuda a entender esse impasse. Trata-se de uma imposição ideológica produzida no interior da relação sujeito-instituição, que inibe a construção da comunicação e impede o irrigante de "reconhecer-se em tais construções, por processos autônomos de auto-reflexão" *(Freitag, 1980)*. Similarmente à intervenção terapêutica sobre a neurose, consideramos as R.S. expressão do sintoma. Uma vez interpretada ela pode permitir uma reelaboração de novos conteúdos constituidores da relação irrigante-CODEVASF.

Nesse sentido, quando solicitados a expressar livremente os critérios de PIBS foram enfatizadas idéias de qualidade de vida (M e F) e garantia de condições materiais (B), enquanto para PIMS foram empregadas noções operacionais (M e B) e aspectos motivacionais (F). Contudo, diante de critérios institucionais os sujeitos indicaram, preferencialmente, produtividade, a qual oficializa uma linguagem econômica que lhes é relativamente estranha. Ou seja, qualidade de vida é a representação de produtividade a qual só pode ser avaliada em termos de "vida tranqüila", "saúde para a família", "escola", "velhice sossegada".

Por outro lado, podemos pensar que a elaboração livre dos sujeito a respeito de PIBS através de critérios como qualidade de vida e condições materiais não inclui, explicitamente, o papel ativo do irrigante no processo, nem um comprometimento com a linguagem da instituição, imbuída de impessoalidade também estranha à cultura local. Mas, pensamos que outros aspectos do fenômeno possam estar afetando esses resultados. Supomos haver, particularmente, a ausência de sinais de existência de pressão à inferência, tanto interna (intragrupal) quanto externa (extragrupal), no sentido de indução para a produção de um saber próprio, uma posição ou pensamento sobre os assuntos abordados,

havendo, ao invés disso, tendência a repetir de modo superficial o discurso institucional.

Outro efeito de tal situação grupal foi observado a partir das formas de participação adotadas no PI, as quais se concentram em torno dos interesses da cooperativa (M e B) e do Distrito (F), o que de certa forma limita a elaboração de R.S. Entretanto, durante a pesquisa soubemos que os irrigantes locais costumavam se organizar em "mutirões" para trabalhar nas roças, uns dos outros, indicando novamente a dificuldade de comunicar, informalmente, experiências não enquadradas nas expectativas e orientações da CODEVASF.

Os resultados dessa pesquisa sugerem a necessidade urgente de um trabalho psicopedagógico junto às populações observadas, no sentido de favorecer um desenvolvimento interno autônomo em relação aos temas tratados, a fim de que possam enfrentar melhor os seus dilemas.

À guisa de conclusão, poderíamos dizer que a implantação estatal de projetos irrigados, aqui avaliados, esbarra, primeiramente, com obstáculos econômicos sérios, que sem dúvida comprometem e repercutem em todas as demais esferas de vida social implicadas. Ao lado disso, os produtores rurais, por força de exigências contratuais com a empresa estatal, passam a apresentar um discurso/prática que se caracteriza por submissão às orientações propostas por esta última, tais como critérios de prática agrícola e formas de associação, sem desenvolverem-se autonomamente nesses campos. Uma prova de tais descompassos foi encontrada quando solicitamos aos produtores que apresentassem, espontaneamente, critérios de projeto irrigado bem-sucedido e malsucedido, e obtivemos concepções como as que denominamos de qualidade de vida, seguida por garantia de condições materiais, para o bem-sucedido, assim como noções operacionais e aspectos psicológicos motivacionais, para o malsucedido; em contraste, portanto, com o que é preconizado pela empresa. Tais resultados corroboram, em outro plano, a maior expressão de tradicionalidade observada entre os agricultores do projeto irrigado considerado pela empresa estatal como mais bem-sucedido e com maior tempo de existência, os demais tendo mostrado mais ambivalência e modernidade, que correspondem, possivelmente, a posturas de incerteza entre agradar à empresa estatal, em parte ou totalmente. Assim, acreditamos que, mesmo na ausência de condições materiais e tecnológicas adequadas para a plena realização econômica e social do projeto irrigado, haveria oportunidade para que fosse incentivado, a partir de ações pedagógicas e psicossociais, um relacionamento mais ativo do produtor rural com o mundo - o que supõe a incorporação de sua cultura prévia e atual nas iniciativas oficiais, assim como a expectativa partilhada de que o mesmo participará plenamente, inclusive com suas lideranças e estruturas políticas autênticas.

ABSTRACT

In order to study the psychosocial repercussions in the implementation of irrigation projects (IP) in the São Francisco Valley through CODEVASF, three projects were compared according its time of existence and its levels of economic achievement. After a exploratory study, the projects were evaluated by its members in many areas from work activity to familiar life. Besides, were collected the criteria to consider a IP well-succeed, bad-succeed and social participation. The results pointed out more change to both the IP's at a more time of implementation, despite that the more well-succeed economically showed traditional attitudes regarding goals of production (survivence), ownership of land (good in itself), relationship with enterprise (ambivalent) and use of technology (ancient). In evaluating the IP, the farmers stressed practical and quality of life aspects, in contrast to that of productivity adopted by CODEVASF. Finally, we observed less interest in social participation of the three groups beyond the project in itself.

Referências Bibliográficas

ABRIC, J-C. L'artisan et l'artisanat: *analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale.* Bulletin de Psychologie, v.37, n.366, p.861-75, juil./août 1984.

ARRUDA, A. M. S. O estudo das representações sociais: uma contribuição à psicologia social no Nordeste. *Revista de Psicologia,* v.1, n.1, p.5-14, 1983.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* Tradução por Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979. 225p. (Persona. Psicologia)

BURZTYN, M. *O poder dos donos:* planejamento e clientelismo no Nordeste. Petrópolis: Vozes; [Brasília, D.F.]: CNPq, 1984.178p.

CARNEIRO, M. J. , MONTE-MOR, P. Sujeito e idealização do passado: reflexões sobre as representações das condições de vida do irrigante. *Reforma agrária,* v.13, n.3, p.27-36, 1983.

DASEN, P. R. The cross-cultural study of intelligence: Piaget and the Baoulé. *International Jounal of Psycology,* v.19, p.407-34, 1984.

FESTINGER, L. Comunicação social informal. In: CARTWRIGHT, D. *Dinâmica de grupo:* pesquisa e teoria. Tradução por Dante Moreira Leite e Míriam L. Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1969. p.

FREITAG. B., ROUANET, S.P. Introdução. In: HABERNAS, J. *Habermas:* sociologia. Tradução por Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ática, 1980. p.9-67 (Grandes cientistas sociais; 15)

HERZLICH, C. La représentation sociale. In: MOSCOVICI, S. (Org.) *Introduction à la psychologie sociale.* Paris: Larousse, 1972.

JODELET, D. Representations sociales: un domaine en expansion. In: __. *Les représentations sociales.* Paris: Press Universitaires de France, 1989. 424p. (Sociologie d'aujourd'hui)

MARTINS, A.V. *Representações sociais do trabalho agrícola e de suas relações sociais entre produtores rurais de perímetros irrigados.* Brasília, D.F., 1991. Dissertação (Mestrado em pela Universidade de Brasília).

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise.*Tradução por Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p. (Psyche)

POTTER, J. , WETHERELL, M. *Discourse and social psychology.* London: Sage, 1987.

SOUZA, G. S. ET AL. *Organização cooperativa nos projetos de colonização do Vale do Rio São Francisco.* Fortaleza: BNB/ETENE, CODEVASF, 1985.

SOUZA FILHO, E. A. Constribuições da 'dinâmica de grupos' para o estudo de representação social. *Psicologia e Sociedade,* Belo Horizonte, v.6, n.9, p.33-42, nov.1990 / mar.1991.